

A COMPREENSÃO DA EXISTÊNCIA EM FERNANDO PESSOA

Leonel C. Pinto

"Nós só apreendemos positivamente uma única interioridade no Mundo: a nossa, diretamente; e, do mesmo passo, por uma equivalência imediata, graças à linguagem, a dos outros homens." (P. Teilhard de Chardin, *O Fenômeno Humano*, p. 144).

Informação

Preliminar — Por estar interessado na interioridade, na reflexão, na compreensão e na consciência é que me interessei por Fernando Pessoa. A interioridade do mundo físico manifesta-se nas pedras, nas águas, nas árvores e nas flores; mas, a interioridade humana vem na palavra.

Fernando Pessoa viveu 47 anos. Em 1935, em plena maturidade, deixou uma Obra Poética e uma Obra em Prosa. É somente a sua Obra Poética que eu tenho em mente, ao ousar o tema que me proponho. Esta preferência pela poética vem de que, em todas as artes há beleza e verdade, mas a poesia é que melhor o mostra no jogo da palavra, que é onde se vê o espírito, onde se despe e se põe a nu a Compreensão Existencial. Uma cor, ou um som tem cada um seu elemento atrativo conosco. Mas a palavra, por suas conotações, traz sempre múltiplas ligações de quem a profere e a quem a escuta.

A palavra diz o (o ser). E entre aquilo que é dito e o dito, a intimidade é total. Melhor ainda, a palavra poética é canto,

é admiração e respeito, é engrandecimento e exaltação — traz a ressonância do espírito amplificada para os próprios sentidos. Assim a palavra poética condensa o espaço e o tempo; evoca do passado as impressões obscuras, difunde-as em todas as latitudes e profundidades e projeta-as no futuro, para lá da vida, de onde inflectem sobre o seu ponto de origem.

Face a esta versatilidade, esta elasticidade e este efeito magnificador próprio da palavra poética em Fernando Pessoa, não me ficou escolha: ou tomava a *Obra Poética*, ou não explicitaria a *Compreensão da Existência de seu Autor*.

Toda obra é inseparável de seu autor, mas, o artista é sempre mais que sua arte poética. E por isso, não vou falar da arte, e sim, da *Compreensão* nela revelada, o que me deixa certamente mais próximo de Fernando Pessoa. Não faço crítica literária e, se a fizesse, mal me atreveria a dizer outra coisa senão que a *Obra Poética* é imensurável. É acabada. É perfeita para mim que sou um psicólogo, talvez um educador e um professor de psicologia.

Por isto que acabo de dizer de mim, poderá alguém esperar que eu me disponha a fazer uma análise psicológica da personalidade de Fernando Pessoa. Não. Li e reli toda a *Obra Poética*, editada em um volume, no Rio de Janeiro, em 1974, pela Companhia José Aguilar.

Li *Mensagem* e até o fim de *Quinto Império*, onde Fernando Pessoa mostra o esplendor que a vida é, quando esbanjada em ações heróicas como as dos antigos portugueses. E, como "Todo o estado de alma é uma paisagem", eu li e contemplei todas as paisagens que vêm no "Cancioneiro" e que certamente são os estados de alma de Fernando Pessoa (*Quando Ela Passa / Em Busca da Beleza / Uns Versos Quaisquer / Passos Da Cruz / Natal / O Menino da Sua Mãe / Ficções do Interlúdio...*)

Li e reli "Poemas Completos" de Alberto Caeiro, Odes de Ricardo Reis, Poesias de Álvaro de Campos — os outros nomes ou heterônimos de Fernando Pessoa. Depois dos "Poemas Dramáticos", fui deter-me no fim de "Primeiro Fausto". Aí estaquei.

Claro que eu levei minha leitura até o fim da *Obra*, através das *Poesias Coligidas*, em português, inglês e em francês, em três línguas, pois que a palavra poética de Fernando Pessoa, explodia em muitos espaços. Li as *Quadras ao Gosto Popular* e *Novas Poesias Inéditas*. Mas voltei a ficar

imóvel no fim de Primeiro Fausto. É que, aqui, me pareceu ter acabado de ver a forma em que cristalizou a Compreensão da Existência em Fernando Pessoa.

Li e reli toda a Obra Poética... mas, posso garantir que jamais me ocorreu, em pedaço algum, ou no todo da Obra, a veleidade de tentar uma análise psicológica ou psicanalítica da personalidade de Fernando Pessoa. É como se isso fosse coisa de somenos, em face do acúmulo de reflexão, da profusão de consciência, e da intensidade da Compreensão Existencial, que sua Obra Poética traz à nossa presença. E é isto mesmo, e somente isto: a reflexão, a consciência, a interioridade que me proponho tratar, neste momento.

1 — O que é a Compreensão Existencial?

Eu existo (ek + sistere) quer dizer, eu saio de mim para as situações, para o mundo, e volto a mim com algum sentido. Eu "mostro" o ser que aparece em mim. Eu revelo o ser que sou. Eu sou eu, o revelador do ser: eis aí ser! Em me abrindo, o ser que aparece em mim é mostrado. Existir é constituir-se nesta abertura ao ser, no mundo, e para além do mundo. É ficar face a face com o que se é e o que se quer mostrar — sem poder evitá-lo. Este "sem poder evitá-lo" já marca o primeiro ponto angustioso do existente.

Existo no presente, aqui-e-agora, entre dois nadas: o passado que já não é e o futuro que não é ainda, nem sei se virá a ser. A eternidade e o tempo passam por aqui, pelo presente, que é onde se pode mostrar Compreensão. O ser da existência é Compreensão e, Compreensão é o fato fundamental da experiência do ser humano. Dizer que alguém é compreensivo, como aqui se coloca, não é como dizer que alguém é triste ou alegre. A Compreensão não é um atributo ou uma propriedade adjetiva do existente. A Compreensão é substantiva, é modo em que é aquele que pode ser. Se digo "compreendo" refiro-me a estar presente algo em determinado modo. Compreender é, como já se disse, fazer abertura ao ser. Tenha-se em mente, porém, que o que se abre também pode fechar-se, em razão de seu mesmo poder.

Aqui se vê, em sua origem, a liberdade e a responsabilidade própria do existente, aquele que visa ao ser. Ele pode e pode múltiplemente. Ele pode conhecer, pode sentir e pode agir. Este poder compreensivo sempre é C.S.A.

conhecer, sentir, agir

Visando ao ser, o existente é capaz de conceituar, isto é, de descobrir a verdade ou de encobri-la; é capaz de sensibilizar-se, ou seja, capaz de possuir sensorialmente e mostrar sua aceitação ou repulsão; e é capaz de planejar o curso de ação, visando à decisão ou in-decisão.

Tal é a Compreensão Existencial. Toda a alma humana se constitui destes poderes de conhecer, de sentir e de agir: três poderes, mas, numa só alma três modos de o existente se comportar, três portas para o ser, na mesma Compreensão.

Naturalmente que, nesta pequena teoria C.S.A., devo enfatizar a unidade da mente e a triplicidade de suas instâncias. Cada instância não é um pedaço, uma parcela ou uma parte. É antes, um todo distinto. Além do que, a unidade da Compreensão não vem da soma das três instâncias, e sim, de sua integração. Esta integração é tal que viabiliza o conhecer pela sensação; o sentir pela inteligência, e o atuar no mundo pela motivação da interioridade, em vez de ser pelo apelo exterior.

A esta altura do meu pensamento e da leitura da Obra Poética, Fernando Pessoa com seus heterônimos, se me afigurou o protótipo de toda esta postura compreensivo-existencial. Minha convicção é simples: tudo o que temos em pensamento é: é de fato, ou é no modo da possibilidade. E esta possibilidade a que me reporto não é um ser de abstração, um ser matemático. Esta possibilidade dói. É como um parto, um dar à luz; ou como a morte, que não é um fato, mas um possível a cada momento.

A Obra Poética de Fernando Pessoa é cheia destas possibilidades doloridas, existenciais. Alberto Caeiro, o conhecer e o recusar-se a conhecer; Ricardo Reis, o sentir e o entristecer-se; Álvaro de Campos, a exaltação do agir tecnológico na civilização moderna, e a consciência de que o fim de tudo isto é a sucata. E Fernando Pessoa, a unidade destes três outros nomes (e de quantos mais se louvou), unidade com a disposição permanente da diversidade, isto é, de não deixar desperceber-se de nenhum dos problemas inevitáveis da existência.

Os heterônimos foi a maneira "teatral", encontrada por Fernando Pessoa, a fim de nos pôr em contato com as regiões da mente (C.S.A.) e com a diversidade dos problemas do mundo, não somente o seu mundo, mas das situações existenciais. Fernando Pessoa é Fernando Pessoa e os outros são os outros. Fernando Pessoa quis seus heterônimos como

Conhecer
Sentir
Agir

personagens distintas nas idéias, no sentimento e no agir possível de cada uma.

Este é, talvez, o primeiro princípio da Compreensão: ser diferente dos outros e, em seguida, verificar que se é o mesmo que os outros, porque oriundos do mesmo plano ou do mesmo projeto, da mesma motivação "a fim de", em que se envolveu o criador. Sim, pois que Fernando Pessoa é Autor da Obra Poética e autor de suas personagens, que exibem os *contratempos de suas existências* — que é o que mais nos importa aqui: os contratempos do conhecer em Caeiro, do sentir em Reis, e da ação em Campos.

1.1 — O CONHECIMENTO EM ALBERTO CAEIRO

Reservarei o título de poeta-pensador ou poeta-filósofo, para Fernando Pessoa, de vez que, Alberto Caeiro se diz um "guardador de rebanhos". O filósofo visa, me parece, à unidade no seu pensamento; o guardador só pastoreia, para que nenhum se perca.

(*) |214| Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos.
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e com os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,

Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

|207| O Mundo não se fez para pensarmos nêlo
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para êle e estarmos de acôrdo...
Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...

(*) Mantém-se a disposição e acentuação gráfica dos poemas, tal como na edição citada.

Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

Caeiro começa por confundir o pensamento com o conhecimento, isto que muitos fizeram e ainda fazem hoje, de-de o célebre *cogito ergo sum* de Descartes. A ciência positivista tomou o cogito, por conhecimento claro, método e critério. E esta metodologia, além de não nos ter levado a muitas certezas fora de nós mesmos, encalhou-nos num montão de conhecimento frio, isolado, num saber sem sabor. Por isto, Caeiro se recusa a conhecer.

Ora, temos que lembrar o que já dissemos atrás que, se a mente é C.S.A. e, na sua tríplice diversidade, nada perde impossível conhecer só pelo conhecer. Isto se acentua de sua unidade — torna-se enormemente no poeta, em quem a sensibilidade é sempre parte de quanto cante.

Também foi dito que, devido à unidade — não só perceptiva ou gestática, C.S.A., mas outrossim, à unidade ontológica da Compreensão — torna-se possível o conhecimento ser concebido como "visão", como um jato morno de luz através dos sentidos (vide (207) supra). Tudo isto é muito bonito, quando estamos cansados. Repousemos... Todavia, tudo isto também é pouco útil quando se trata de iluminar a estranha condição humana. Não basta não pensar em nada. É inútil correr a cortina, negando o pensamento, quando se é ação, sensação e conhecimento.

Alberto Caeiro recalcitra, reluta, mas começa a nomear o que sabe e a posicionar-se.

[210] Há metafísica bastante em não pensar em nada.
O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que idéia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sôbre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sôbre Deus e a alma
E sôbre a criação do Mundo?

Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

"Constituição íntima das cousas"...

"Sentido íntimo do Universo"...

Tudo isso é falso...

Não acredito em Deus porque nunca o vi.

Mas se Deus é as flôres e as árvores

E os montes e o sol e o luar,

Então acredito nêle a tôda a hora,

E a minha vida é tôda uma oração e uma missa,

E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Os problemas do espírito humano, do seu tempo e da sua cultura não são desconhecidos de Caeiro: a metafísica, a trindade divina, a essência das coisas, o desejo profundo de querer perceber, o misticismo, a consciência e o pensar, o mistério das coisas e a significação do mundo, verdade, mentira, certeza e incerteza, o sentido final da realidade. E como a existência é sempre pessoal, como os problemas existenciais são *meus* problemas e requerem respostas, Caeiro decidiu-se, não pela busca de conhecimento, não pelo desvelamento, mas pela negação e pelo "meio encobrimento" da verdade. Ele toma o questionamento do espírito como uma doença. Renega o Deus de sua infância. Contesta toda a sua educação e cultura. Blasfema da Trindade e da Virgem Maria e o faz de modo tal, que provoca sobressalto no próprio Fernando Pessoa, levando-o a escrever uma Nota como justificativa (op. cit. p. 199).

Alberto Caeiro só aparentemente é um materialista. Ser materialista, idealista, espiritualista ou nada é uma disposição da ordem cognitiva. Caeiro dá-se conta de que sua inquietação está numa ordem mais profunda, mais originária: na ordem do sentir (ou dos sentidos). Caeiro é o primeiro a ver-se diversificado, e principia a angustiar-se à procura de sua unidade de ser, isto é, de uma identidade.

A angústia, como definida em Heidegger (*) (um filósofo

(*) "O que torna um *ens* um *ens*, é a "identidade", a unidade bem entendida, que, enquanto simples, unifica originariamente e, neste unificar, simultaneamente individual". In Heidegger, *sobre a essência do fundamento*... S. P. Liv. Duas Cidades, 1971, p. 40.

Cf. também Martin Heidegger,, apud Thomas R. Giles, *História do Existencialismo e da Fenomenologia*, S. P. EPU/EDUSP, 1975, p. 245.

contemporâneo de Fernando Pessoa) é isso mesmo: esse ser da gente captado na sua unidade e em si próprio d'iversificado "no mundo-com-os-outros". Duas formas de angústia se evidenciam aqui: angústia de ser e angústia de não ser (si mesmo).

Para buscar-se, Caeiro envida esforços em duas direções: contestar até à raiz quanto aprendeu; e reorientar-se a partir de baixo, ou de fora, a partir da natureza física e dos sentidos para, ainda no mesmo plano, ultrapassar-se todo no Universo. Somente podemos ser na transcendência. Mas esta transcendência, de igual maneira que o cósmos, é um estado, e não, uma soma de partes. O caminho de Caeiro, de pedra em pedra, de parte em parte, somente o levará à fragmentação, sem a unidade e sem sentido.

[251] Procuro despirm-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras.
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.
E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou Alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo êle-próprio.

[252] Num dia (...)
Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales e planícies,
Que há árvores, flôres, ervas,
Que há rios e pedras,

Mas que não há um todo a que isto pertença,
 Que um conjunto real e verdadeiro
 É uma doença das nossas idéias.
 A Natureza é partes sem um todo.
 Isto é talvez o tal mistério de que falam.

[269] Para ti tudo tem um sentido velado.
 Para mim, graças a ter olhos só para ver,
 Eu vejo ausência de significação em tôdas as
 cousas...

[281] Se o homem fôsse, como deveria ser,
 Não um animal doente, mas o mais perfeito dos
 animais,
 Animal direto e não indireto.
 Devia ser outra a sua forma de encontrar um sentido
 às cousas.
 Outra e verdadeira.
 Devia haver adquirido um sentido do "conjunto";
 Um sentido como ver e ouvir do "total" das cousas
 E não, como temos, um pensamento do "conjunto";
 E assim — veríamos — não teríamos noção do
 "conjunto" ou do "total",
 Porque o sentido do "total" ou do "conjunto" não
 vem de um total ou de um conjunto,
 Mas da verdadeira Natureza talvez nem todo nem
 parte.

[282] O único mistério do Universo é o mais e não o
 menos.

Este último verso coincide, ao pé de cada letra, com a questão fundamental da metafísica Heideggeriana "Por que é afinal ente e não antes Nada?" Caeiro, o guardador de pensamentos, tinha a necessidade de fazer de cada idéia uma coisa concreta, para vê-la, para senti-la, para entendê-la. E precisava contestar os filósofos e os teóricos do conhecimento, e os místicos, os crentes no interior das coisas. Por que não dar preferência ao exterior, ao que se vê, o que se palpa, como essência da realidade? E termina fazendo sua teoria sobre isto. Ele diz:

1328

[307] Também sei fazer conjeturas.
Há em cada cousa aquilo que ela é que a anima.
Na planta está por fora e é uma ninfa pequena.
No animal é um ser interior longínquo,
No homem é a alma que vive com êle e é já êle.
Nos deuses tem o mesmo tamanho
E o mesmo espaço que o corpo
E é a mesma cousa que o corpo.

Por isso se diz que os deuses nunca morrem.
Por isso os deuses não têm corpo e alma
Mas só o corpo e são perfeitos.
O corpo é que lhes é alma
E têm a consciência na própria carne divina.

Bem, é uma teoria (que ficará menos estranha se, por "corpo", se entender configuração ou qualquer tipo de forma). Somente que não se vê em Caeiro que ele acredite no que propõe. Ele joga a sua tese, não por fazer fé no conhecimento, mas como quem ainda nega e contesta: se querem teorias, aí vai a minha; deve ser tão ruim quanto as outras que de nada servem.

← A Poesia de Alberto Caeiro é toda ela banhada de atração-repulsão cognitiva. Ele procurou o ser sem adjetivos, como quem espera surpreendê-lo na seiva das coisas.

[301] Porque todos amam as flôres por serem belas,
E todos amam as árvores por serem verdes e da-
rem sombra, mas eu não.
Eu amo as flôres por serem flôres, diretamente.
Eu amo as árvores por serem árvores, sem o meu
pensamento.

Ser, ser, sempre o ser. Ser como as pedras, como um animal é, ou diferente. Ser apenas, sem interpretação, sem pensamento, sem representações adicionais, porque as coisas são o que são e basta amá-las por isso. Evidentemente, Alberto Caeiro, negando-se a pensar, questionou, ao longo de uma centena de poemas, a magna questão do ser, o primeiro e último fenômeno da metafísica ocidental. Ele afirmou "o fora" do mundo das coisas. "O dentro", o ego, o enlevo, a emoção, reservou-a Fernando Pessoa para...

1.2. A SENSIBILIDADE EM RICARDO REIS

O *affectus* é aquela condição de sentir que nos põe junto das coisas e de nós mesmos. O existente é "suspenso dentro do nada", na expressão de Heidegger. Se, em vez de suspenso, estivesse ancorado, informado ou atado de alguma forma, ele seria uma coisa, como uma árvore ou uma flor (capaz de agradar a Alberto Caeiro), mas não seria o ente humano: consciência, liberdade e amor.

Psicodinamicamente considerado, o nada é o mundo da estimulação, "a possibilitação de revelação do ser ao ente". Como o ser humano reage ao receber essas revelações através dos estímulos exteriores ou interiores? Os estímulos produzem tensão e o indivíduo é capaz de polarizá-la, isto é, distendê-la em duas direções: positiva e negativa, agradável e desagradável, que formam os extremos de uma escala.

Dentro dessa faixa de intensidades, a sensibilidade dispõe-se em três estágios que, traduzidos da ciência psicológica para a arte poética, é possível denominar assim: enlevo esfuziante, enlevo triste, inquietação situada (ansiedade). Isto, dentro da faixa métrica de intensidade. Fora dessa faixa, ocorre um exacerbamento generalizado, no limiar da consciência e que pode marear todo o comportamento (não somente o poético).

De toda a leitura das Odes de Ricardo Reis: da estrofe, da rima ou do ritmo — fica-me a impressão de uma sensibilidade contida, pacífica, sem excessos, atada à compostura que socialmente era esperada de um cidadão de bons modos ou um aristocrata. Ricardo Reis não se deixa ir ao êxtase, ao arroubamento; ele permanece no enlevo triste, este ponto intermédio onde o agrado e o desagrado moderam a psicodinâmica. Mas não parece ser este um efeito de compulsão inconsciente: nada; parece mais uma autodeterminação. Não que o seja, mas porque Reis sabe que está refletindo essa sensibilidade assim.

[310] Mestre, são plácidas
Tôdas as horas
Que nós perdemos,
Se no perdê-las,
Qual numa jarra,

Nós pomos flôres.
Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida (...)

[315] Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

[358] Tão cedo passa quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.

[359] Prazer, mas devagar,
Lídia, (...)
Furtivos retiremos do horto mundo
Os depredandos pomos.
Não despertemos, onde dorme, a Erínis
Que cada gozo trava.
Como um regato, mudos passageiros,
Gozemos escondidos.
A sorte inveja, Lídia. Emudeçamos.

[433] Não quieto nem inquieto meu ser calmo
Quero erguer alto acima de onde os homens
Têm prazer ou dores.

Inegavelmente, Ricardo Reis aspira ao prazer dos sentidos. As rosas, a bebida, o gozo, os pomos à beira d'água, o seu "gozemos escondidos" são indicadores bastante. E por que não extravasou essa impressão para nós, nas 43 páginas das suas 127 Odes? Por que se manteve no enlevo triste? Qual o motivo dessa "contensão"? Digo bem contensão, com s, para dizer do esforço intelectual, de educação consciente que o sustentou nas alturas.

Pelo menos quatro grandes campos de força repartiram-lhe a energia. (1) Em primeiro lugar, como em Alberto Caeiro, a inteligência não funcionava isolada da emoção; em Ricardo Reis, a emoção não se desprende bastante da preocupação

[312] Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas —

Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!

Coroai-me de rosas
E de fôlhas breves,
E basta.

[316] Mas tal como é, gozemos o momento,
Solenes na alegria levemente,
E aguardando a morte
Como quem a conhece.

[317] Quando, acabados pelas Parcas, formos,
Vultos solenes de repente antigos,
E cada vez mais sombras,
Ao encontro fatal (...)

[361] Como se cada beijo
Fôra de despedida,
Minha Cloe, beijemo-nos, amando,
Talvez que já nos toque
No ombro a mão, que chama
A barca que não vem senão vazia; (...)

(3) Uma outra barreira à explosão do prazer em Ricardo Reis é a preocupação com o nada, com o destino, o sentido da vida: intrigante, obscuro e inolvidável todo o tempo. O sentido é mais um modo fundamental da existência de todo o ente. Mesmo porque o nada oferece sempre uma significação: quem profere o “não” intercepta o “sim”, como possibilidade; e quem diz (ou é) existência, está implicado na in-existência, ou nada, possível. Eis o que perturba o prazer sempre travado, de Ricardo Reis.

[413] Nada fica de nada. Nada somos.
Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos
Cadáveres adiados que procriam.

Leis feitas, estátuas vistas, odes findas —
Tudo tem cova sua.
Somos contos contando contos, nada.

[344] Sofro, Lídia, do medo do destino.
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
Meu coração.

[417] O prazer do momento anteponhamos
À absurda cura do futuro, cuja
Certeza única é o mal presente
Com que o seu bem compramos.

Amanhã não existe. Meu somente
É o momento, eu só quem existe
Neste instante, que pode o derradeiro
Ser de quem finjo ser?

Com a interrogação da morte não respondida (e quem a respondeu?), e com a idéia do vazio ou do nada para lá do último horizonte, só restava à inteligência de Reis desfrutar o momento presente. Não como uma convicção fenomenológica, realista, mas como um desespero, um não ter escolha aceitável. Se vivesse o presente, convictamente, ao menos podia ter exaurido o prazer todo do instante, do mundo policromado que ele tanto cantou.

Por que o não fez? Por que não exaltou até o êxtase vibrante, o universo intelectualmente afirmado múltiplo, luzindo em cada coisa, que nem a luz de um espelho partido em pedacinhos? Creio que a resposta está em que, para o canto de exaltação é preciso mais que a adesão intelectual. Urge, como para um consórcio de verdade, a adesão do afeto, no amor.

(4) E esta é a quarta barreira que pretendo analisar: o embarço ao amor. Falta ao afeto de Reis aquela polaridade, aquela imagem nua, especular, que me reverbera a partir da distância do outro; que me leva para o outro, ao mesmo tempo que traz minha imagem dele ou ele na minha imagem, para mim. E, para uma cabeça masculina, o radicalmente outro é uma feição feminina. Expliquemos isto.

Defini o afeto como o que nos põe junto das coisas e de nós mesmos. Ora, há naturalmente, na evolução da consciência, dois modos de estar junto: o erótico-sexual e o lógico-espiritual. Neste modo lógico-espiritual incluamos o ético, o estético, o religioso, o lúdico e, em certa parte o gnóstico, ^{conhecimento} _{racional} aquele conhecimento que se transmite por tradição, pelo ritual

iniciação — não somente a iniciação social do grande grupo, mas também, especialmente, pela iniciação familiar.

De certa maneira, o afeto lógico-espiritual faz polaridade com o erótico-sexual que também abrange o fetiche e tudo quanto acrescente potência orgástica. A polaridade não é como um traço de união ou de separação. A polaridade sexual e lógico-espiritual funciona num meio, onde capta e dinamiza energia, de um pólo a outro, de tal sorte que: primeiro, os pólos se mantêm separados, ou seja, é impossível que a mente fique centrada simultaneamente e com igual intensidade em ambos; segundo, os pólos permanecem ligados pela interinfluência, através do dinamismo que entre eles transcorre; terceiro e finalmente, presentes certas condições no meio psíquico e sócio-familiar, não é improvável a despolarização eventual, e posterior fixação da inversão afetiva. Veja-se a ilustração a seguir.

A Fig. 1 ilustra o desabrochamento e a formação do estado amoroso heterossexual, para o homem e para a mulher, a partir do afeto polarizado. Na linha evolutiva, o primeiro pólo, o erótico-sexual, constitui-se do libido que é "impulso para". Ainda que se considere apenas a procriação, o impulso supõe uma representação ou imagem especular para o termo adequado. Compreensivamente, no ser humano, dissemos que esse termo adequado é o radicalmente outro, cuja representação é fetiche.

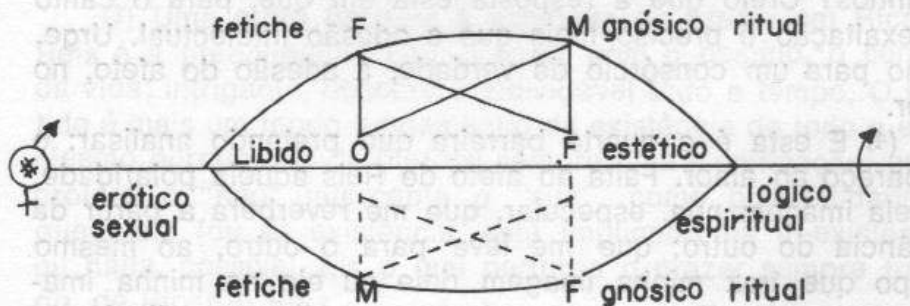


FIG. 1 - ILUSTRAÇÃO DO DESABROCHAMENTO E FORMAÇÃO DO ESTADO AMOROSO HETEROSEXUAL, A PARTIR DO AFETO (o que nos põe "junto de").

Fetichismo é o que nos enfeitiça, é o substituto do outro, distante mas perto pelo sortilégio, pelo encantamento. Antropologicamente, os feiticeiros são conhecidos. Eles tentam livrar o enfeitiçado, mediante benzeduras e amuletos (fetichismo contra fetichismo). Ninguém se livra totalmente do fetichismo, ou não tem imaginação, capacidade de representar. A força, o arco tensional para o outro integra necessariamente a Compreensão humana.

E, acentuando mais ainda o humano da Compreensão vem, no outro pólo, o lógico-espiritual abrangendo, entre outras coisas, já citadas, o estético e a iniciação ritual gnóstica (sobre a vida, o sexo, o amor, o social, o mítico). O fetichismo e o gnóstico ritual são um aprendizado predominantemente de transmissão social. A família tem muito de ritual e de esotérico. Ela transmite nos seus ritos, às crianças, o que os adultos tomam como certo ou errado, bonito ou feio, aceitável ou condenável quanto às coisas da existência. Mas, enquanto que, da criança ao adulto, o fetichismo vai crescendo em sua atração como "o radicalmente outro"; a iniciação ritual gnóstica terá de ir perdendo sua força induzida que foi como "o socialmente semelhante". (A menina deve ser como sua mãe, e o menino, como seu pai). A libido e seu fetichismo supõem sedução — e o homem não se sente só. O estético e a iniciação ritual gnóstica supõem contestação — e o homem sente-se livre e idêntico a si mesmo.

Estético é o afeto que nos põe junto das coisas de modo não somente adequado e cômodo, mas bonito e enlevante, não importando se alguém virá a ser ou não um artista. Há sempre inteligência no afeto estético, como sempre há força e calor na libido. O estético é a sintonia fina "c.s.a." e que, raras vezes na evolução ontogenética (de cada indivíduo), é induzida com "finesse".

Diga-se: nenhum heterônimo de Fernando Pessoa é mulher e, por isso, Caeiro e Reis contestam, Campos fetichiza as máquinas, e Fernando Pessoa é só.

Na Fig. 1 pode ver-se, para o homem e para a mulher, o arco tensional figurativo da energia captada nesse sistema de bipolaridades, entre o impulso libidinal e o respectivo fetichismo; entre o estético e o gnóstico ritual; e entre o erótico-sexual e o lógico-espiritual como um todo.

Para o caso masculino ou feminino, o impulso libidinal é marcado, na Fig. 1, com 0 (zero) por se tratar do aspecto meramente biológico de procriação. Também, em homens ou

mulheres, o estético é sempre um modo de sensibilidade feminino (marcado F), se levarmos em conta os estudos científicos sobre sensibilidade profunda dos indivíduos altamente criativos. Por aqui fica a descoberto, com nitidez, que o fetiche e o gnósico ritual espelham a reação da pessoa às influências do tratamento social, em tanto quanto apreendidas, toleradas ou não pelo organismo, e absorvidas na consciência (por "volescência", um processo análogo à coalescência meramente física — do modo como uma gota d'água se junta n'outra).

O que é tido por feminino, em nossa cultura, pode tonalizar-se de masculinidade, em outra. Todavia, dentro da mesma cultura bem polarizada, como era no começo do século, à época de Fernando Pessoa, é suposto que o fetiche e o gnósico ritual espeijam a reação da pessoa às influências do tratamento social, em tanto quanto apreendidas, toleradas ou não pelo organismo, e absorvidas na consciência (por "volescência", um processo análogo à coalescência meramente física — do modo como uma gota d'água se junta n'outra).

O que é tido por feminino, em nossa cultura, pode tonalizar-se de masculinidade, em outra. Todavia, dentro da mesma cultura bem polarizada, como era no começo do século, à época de Fernando Pessoa, é suposto que o fetiche seja, normalmente, o radicalmente outro e, portanto, do sexo oposto (Cf. Fig. 1). Igualmente se espera que o ritual de iniciação familiar transmita uma índole máscula ao homem, e uma feição feminina, à mulher. É o que ilustra a Figura 1. Se a dobrarmos em torno do seu eixo, para cima ou para baixo, ou um pólo contra o outro — veremos que são sempre os opostos que mutuamente se espelham.

A Compreensão humana, a educação, todo um crescimento mental estão fundamentados nisto que analisamos aqui. Maximamente, numa época em que repontam os movimentos feministas por um lado, e já a contra-reação de alguns grupos machistas, pelo outro. Sem maiores estudos, que se pode esperar deste confronto, além do desrespeito e da incompreensão recíproca?

Não se trata de alterar o ente que a mulher é ou que o homem é. Nem saberíamos fazer isso. Trata-se de ativar a Compreensão de homens e mulheres. E isto nos levará seguramente aos direitos do ser que cada qual revela.

Mas, voltemos ao assunto do espelhamento, aplicando-o poeticamente a Ricardo Reis. Suponhamos o poeta...

uma inteligência invulgar. O pai lhe faleceu aos cinco anos de idade. Aos seis anos ele se autodenomina o "Chevalier de Pas". Possui uma sensibilidade de artista: aos sete anos escreve sua primeira poesia "A Minha Querida Mamã". Sua mãe volta a casar, arranja-lhe um outro pai.

Para não ficar longe de sua mãe, ele viaja aos oito anos para uma África distante, onde frequenta o convento, aprende inglês e francês, faz a primeira comunhão, e assiste com que alma?) ao nascimento de uma nova irmãzinha. Com dez anos de idade, vê um novo nascimento de outra nova irmãzinha... Aí, vai para o colégio, ganha prêmios, e ganha também um novo irmãozinho, mas os prêmios são porque, aos 12 anos, já fala duas, três línguas. Aos 13 anos sofreu a morte de uma de suas irmãs. Começa a poetizar em língua estrangeira. Com 14 anos, já na sua terra natal, obtém mais um irmão, mais um outro do pai. (Será que isto justifica a preferência de Fernando Pessoa por heterônimos? Sim, porque este pedaço de biografia é do Fernando Pessoa real!)

Em plena adolescência, ele escreve seu primeiro poema a ela...

| 47| *Quando Ela Passa*

Quando eu me sento à janela
P'los vidros que a neve embaça
Vejo a doce imagem dela
Quando passa... passa... passa...

Lançou-me a mágoa seu véu: —
Menos um ser neste mundo
E mais um anjo no céu.

Quando eu me sento à janela,
P'los vidros que a neve embaça
Julgo ver a imagem dela
Que já não passa... não passa...

Repare-se a influência das condições existenciais, sócio-familiares, de sua história, vivida, podemos imaginar com que coração! O lirismo do jovem na janela, associado, de repente, à mágoa de ter perdido alguém, e a imagem que ele conseguiu recolher, para o banco de sua memória: "julgo ver a imagem dela, que já não passa... não passa".

Será de admirar que Ricardo Reis tivesse sempre a consciência da perda, do nada, do infortúnio, da morte misturada na taça do seu vinho e da sua alegria? Não, por certo. Mas, onde a inversão possível a que venho aludindo? — Aqui. Dadas certas condições internas e de acontecer social, é possível por exemplo, que o fetiche se atenuie em sua qualidade de radicalmente outro e, ou não seja substituído, ou seja, substituído como que pela imagem do próprio corpo diante do espelho. Aqui teremos o impulso voltado ao próprio ego, e sem força *para* o outro radical, que a Compreensão implica. Esta é uma barreira ao amor, que pode levar ao cúmulo (consciente em Fernando Pessoa) de não poder conceber-se junto de um outro corpo, além do próprio.

Outro obstáculo pode levantar-se no pólo da contestação, a qual terá de ser superada, ultrapassada com alguma nova contribuição pessoal, de que se é pai ou mãe, e que por isso, se a defende a todo o vapor. Tanto quanto Caeiro, Ricardo Reis contesta, mais do que exalta cantando, aquilo que criou. O contestar deixa o amor empecido.

A pesquisa da Fig. 1 deixa ver que a triangulação OFF (sedução esteticizada) propicia o lirismo erótico, à maneira, por exemplo, da "Ilha dos Amores" em Camões. Ao passo que, em Ricardo Reis, ou Fernando Pessoa o lirismo é sofrido, existencial ou gnóstico, pelo fato da contestação, que não chega a ser libidinizada. Lembremos que a maioria das pessoas ainda pensa que o amor é uma simples relação, que pode ter-se hoje e perder-se amanhã. Mais do que isso, o amor é um estado que, uma vez constituído, só se modifica sob novas condições existenciais, fundamente vivenciadas, que o mesmo é dizer, sofridas.

Onde fica Ricardo Reis e onde ficamos nós com ele, nesta questão? — Por trás das barreiras ao amor. Eis o que ele diz:

[392] Não só quem nos odeia ou nos inveja
Nos limita e oprime; quem nos ama
Não menos nos limita.

Que os deuses me concedam que, despido
De afetos, tenha a fria liberdade
Dos píncaros sem nada.

|393| Não quero Cloe, teu amor, que oprime
Porque me exige amor. Quero ser livre.
A 'sperança é um dever do sentimento.

|394| Não sei se é amor que tens, ou amor que finges,
O que me dás...
Pouco os deuses nos dão, e o pouco é falso.
Porém, se o dão, falso que seja, a dádiva
É verdadeira. Aceito.

Cerro os olhos: é bastante.

Que mais quero?

|141| Ninguém a outro ama, senão que ama
O que de si há nêle, ou é suposto.
Nada te pese que não te amem. Sentem-te.
Quem és, e és estrangeiro...

|421| Súbdito inútil de astros dominantes
Passageiros como eu, vivo uma vida
Que não quero nem amo,
Minha porque sou ela...

Quando a Compreensão e o amor estão embaraçados, o natural é que a pessoa, consciente, aspire a ter um maior conhecimento de si mesmo, ou receie tê-lo. Que diz Ricardo Reis a isto, ele que espraia sua visão por tantos e tão variados aspectos da realidade? Como se toma a si mesmo?

|350| Não quero recordar nem conhecer-me.
Somos demais se olhamos em quem somos.

|355| Melhor destino que o de conhecer-se
Não frui quem mente frui. Antes, sabendo,
Ser nada, que ignorando:
Nada dentro de nada.

Se não houver em mim poder que vença

As Parcas três e as moles do futuro,

Já me dêem os deuses

O poder de sabê-lo...

|423| Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei: eu 'screvo.

Assim, a sensibilidade de Ricardo Reis é um "estar junto de" si e das coisas, mas suspenso; hedônico, sim, mas desconfiado dos deuses; um gozar a vida, mais por definição intelectual do que pelo *élan* vital. Chega a ser uma sensibilidade fina, para tudo, diversificada como era o seu entendimento do transitório, do vento que passa levando com ele o que temos e o que somos. A sensibilidade de Ricardo Reis vê-se toda naquela imagem que ele pintou de Lídia à beira-rio: "Pagã triste e com flôres no regaço". Sensibilidade comedida, ponderada entre os descaminhos possíveis da emoção e a visão do homem elevado e nobre, tal como era concebido particularmente pela sociedade de 1930.

|405| Quanto faças, supremamente faze.

|414| Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua tôda
Brilha, porque alta vive.

|424| Ponho na altiva mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo,
E às suas leis o verso;
Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súbdita a frase o busca
E o 'scravo ritmo o serve.

Alberto Caeiro tematizou "o fora", o conhecimento objetivo (como já vimos), a legião e a variedade das coisas no mundo, atiradas por aí, sem um plano do todo (como ele diz).

Ricardo Reis levou-nos pelas camadas subconscientes, por dentro de si mesmo, ao campo florido das deidades pagãs, onde quase se convenciam de ser uma delas!

Falta aqui, para ser completo o roteiro desta viagem, a exaltação da atividade humana no mundo; a labuta cotidiana, o domínio dos elementos materiais, a sensação poderosa da tecnologia de uma era industrial em marcha. Esta excursão pelas regiões ativas do Espírito da Terra e do Universo seria obra de "um outro nome". A atividade humana teria, não o seu profeta, mas a sua sensacional testemunha, que a mente de Fernando Pessoa não deixaria de engendrar.

1.3. A AÇÃO, EXALTADA POR ÁLVARO DE CAMPOS

A ação não é toda a realidade, mas ela publica os poderes da mente ou da consciência. Repetimos que o existente pode conhecer, pode sentir e pode agir. Faz parte da Compreensão ou da abertura ao ser e é a ponte que liga o íntimo das pessoas à sociedade. Toda ação, antes de se mostrar como ato público ou construção exterior, é operação mental, imaginação, intenção, planejamento ou projeto. Antes ainda de executar-se, o projeto passa pela instância interior da decisão. As decisões podem parecer certas ou erradas, melhores ou piores aos olhos dos outros. E contudo, mesmo no caos interior ocorre a decisão. Enquanto não morre o existente, não fenece sua Compreensão, e ele pode sempre "optar para criar os seus próprios absolutos, por mais temporários, provisórios e condicionais que sejam" (Cf. Th. R. Giles, op. cit., p. 239).

"Poesias de Álvaro de Campos" iniciam continuando Caeiro e Reis: naquele agnosticismo emotivo; naquele hedonismo cheio de deuses estrangeiros pouco confiáveis; naquela atitude naturalista sim, mas que se sabe defeituosa, não-natural ao ser humano.

Diz Ricardo Reis:

[435] Seja qual fôr o certo,
Mesmo para com êsses
Que cremos serem deuses, não sejamos
Inteiros numa fé talvez sem causa.

Continua Álvaro de Campos:

[437] E eu nunca sei como hei de concluir
As sensações que a meu pesar concebo.

Nem nunca propriamente reparei,
Se na verdade sinto o que sinto. Eu
Serei tal qual pareço em mim? Serei

Tal qual me julgo verdadeiramente?
Mesmo ante as sensações sou um pouco ateu,
Nem sei bem se sou eu quem em mim sente.

E vai ele, por aí estendendo seus versos, céticos da verdade e da emoção. Mas todo este estendal é só para nos dar certeza de que não abandonará, Álvaro de Campos, a temática existencial: o ser-ou-não ser, a dúvida, a incerteza, o ser sozinho, o tédio e o suicídio sempre à espreita. Antes de prosseguir, porém, nesta temática, Álvaro de Campos contempla a civilização, a era tecnológica, e explode numa "Ode Triunfal". Toma fôlego, estica os seus versos até o tamanho de uma prosa modernizada, vibrante ritmada, solta, inflectindo ao sabor da técnica ou do eixo das máquinas.

[440] A dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da
fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos
antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim...

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um
excesso

De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza
tropical —

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e fôrça —
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas

E pedaços de Alexandre Magno do século talvez
cinquenta,

Átomos que não de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo
do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por êstes
êmbolos e por êstes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só
carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

E por aí vai Álvaro de Campos, por centenas de versos, entusiasmado com a tecnologia, a indústria naval, cantando e proclamando amor a tudo; de forma tal que, no seu ateísmo até chega à revelação de Deus, ou (o que mais me parece chega a hipostasiar Deus, a remetê-lo para baixo, para dentro da máquina, como para lhe explicar a maravilha e criar a mitologia moderna, "Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!"

Álvaro de Campos... A velocidade toma-o por dentro e solta-lhe a emoção. O afeto livre o põe junto de tudo e de todos, e o faz lembrar até dos pobres e dos operários que fazem essa civilização-máquina ranger e produzir.

[440] Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,

Que emprega palavrões como palavras usuais,
Cujos filhos roubam às portas das mercearias
E cujas filhas aos oito anos (...)

A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa

Por velas quase irreais de estreiteza e podridão.

Maravilhosa gente humana que vive como cães,

Que está abaixo de todos os sistemas morais,

Para quem nenhuma religião foi feita,

Nenhuma arte criada,

Nenhuma política destinada para êles!
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem
maus,
Inatingíveis por todos os progressos,
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!

Alvaro de Campos é todo "câmera, luzes, ação!" Mostra-se extrovertido, devo admitir com um toque de exagero de quem não é, mas vê que o mundo fervilha de ruídos que devem ser cantados em grandes versos e com a irreverência da ação prática, ou antes, de muitos práticos e teóricos da ação.

|443| Que nenhum filho da... se me achesse no caminho!

O meu caminho é pelo infinito fora até ao fim!
Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo,

É comigo, com Deus, com o sentido — eu da palavra Infinito...

Pra frente!

Meto esporas!

Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,
Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com Deus,

Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,

Conforme me der na gana... Ninguém tem nada com isso...

Abram-me todas as janelas!

Arranquem-me todas as portas!

Não quero fechos nas portas!...

Porta pra tudo!

Ponte pra tudo!

Estrada pra tudo!

Tua alma omnívora,

Tua alma ave, peixe, fera, homem, mulher,

Tua alma os dois onde estão dois,

Tua alma o um que são dois quando dois são um,

Tua alma seta, raio, espaço,

Amplexo, nexo, sexo, Texas, Carolina, New York,

Brooklyn Ferry à tarde,

Brooklyn Ferry das idas e dos regressos,

Libertad! Democracy! Século vinte ao longe!

Ao chegar aqui, ao fim de um terço (43 páginas) de suas Poesias, Álvaro de Campos retoma a temática existencial. Da ação volta para a sensação; e da sensação para a discussão e o conhecimento da problemática da existência própria. Ainda conserva a forma solta, longa, ritmada. Um pouco mais despreocupado emocionalmente, um tanto às vezes menos cético, refaz o caminho da alma sobre si mesma, à procura do ser, da Compreensão...

[445] ... Eu sou o que sempre quer partir,
E fica sempre, fica sempre, fica sempre,
Até à morte fica, mesmo que parta, fica, fica, fica...
Amei e odiei como tãda a gente.
Mas para tãda a gente isso foi normal e instintivo,

E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.

Eu, que sou mais irmão de uma árvore que de um operário,

Eu, que sinto mais a dor suposta do mar ao bater na praia
Que a dor real das crianças em quem batem

(Ah, como isto deve ser falso, pobres crianças em quem batem —

E por que é que as minhas sensações se revezam tão depressa?)

Eu, enfim, que sou um diálogo contínuo,
Um falar-alto incompreensível, alta-noite na tãrre,
Quando os sinos oscilam vagamente sem que mão lhes toque

E faz pena saber que há vida que viver amanhã.

Eu, enfim, literalmente eu,

E eu metafãricamente também,

Eu, o poeta sensacionista, enviado do Acaso

Às leis irrepreensíveis da vida.

E seguem-se duas dezenas de versos iniciados com eu, eu... O agir vai se cansando, vai se recolhendo do ato público para a indecisão interior, para a incerteza, para o seu campo interrogado, isolado, sozinho. Vê-se falhado por dentro, sem identidade certa, temeroso do tempo, do mistério, da verdade. Tem todos os desejos até o suicídio, a volta ao nada, depois de renegar tudo... Aspira terrivelmente à liberdade, à liberdade, ao não-dever...

|448| Não sei. Falta-me um sentido, um tacto
Ôco dentro de mim, sem depois nem antes.
Parece que passam sem ver-me os instantes,
Mas passam sem que o seu passo seja leve.

|450| Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.
Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

|451| Se te queres matar, por que não te queres matar?
Ah, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a
vida,
Se ousasse matar-me, também me mataria...

De que te serve o teu mundo interior que
desconheces?
Talvez, acabando, comeces...

|456| Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do
mundo.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fêz.
Tenho apertado ao peito hipotético mais
humanidades do que Cristo.
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum
Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre *o que não nasceu para isso*...

|459| Não, não, isso não!
Tudo menos saber o que é o Mistério!
Não, não, a verdade não!

|465| Ah, a frescura na face de não cumprir um dever!
Faltar é positivamente estar no campo!
Sou livre, contra a sociedade organizada e vestida.
Estou nu, e mergulhado na água da minha
imaginação.

|475| Súbita, uma angústia...

Ah, que angústia, que náusea de estômago à alma!
Que amigos que tenho tido!

Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!
Que estêrco metafísico os meus propósitos todos!

Renego tudo.

Renego mais do que tudo.

Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação
deles.

Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no
estômago e na circulação do sangue?

Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?

Não: vou existir. Arre! Vou existir.

E-xis-tir...

E-xis-tir...

Após esta decisão de e-xis-tir, Álvaro de Campos arrepanha as suas forças. Ergue a sua alma. Retoma o conhecimento feito emoção sofrida. Olha para todas as coisas, e chega a uma quase declaração de amor, ou a reconciliação com Deus, a Matéria e o Espírito.

|516| Também houve gládios e flâmulas de côres

Na Primavera do que sonhei de mim.

Também a esperança

Orvalhou os campos da minha visão involuntária,

Também tive quem também me sorrisse.

Hoje estou como se êsse tivesse sido outro.

|517| Eu adoro tôdas as coisas...

E o meu coração é um albergue aberto tôda a noite.

Tenho pela vida um interêsse ávido

Que busca compreendê-la sentindo-a muito.

Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,

Aos homens e às pedras, às almas e às máquinas,

Para aumentar com isso a minha personalidade.

[518] Quanto mais personalidades eu tiver,
 Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
 Quanto mais simultâneamente sentir com tôdas elas,
 Quanto mais unificadamente diverso, dispersamente
 atento,
 Estiver, sentir, viver, fôr,
 Mais possuirei a existência total do universo.
 Mais completo serei pelo espaço inteiro fora.
 Mais análogo serei a Deus, seja êle quem fôr,
 Porque, seja êle quem fôr, com certeza que é Tudo,
 E fora d'êle há só Êle, e Tudo para Êle é pouco.
 Cada alma é uma escada para Deus (...)
Sursum corda! Erguei as almas! Tôda a Matéria é
 Espírito (...)
 Sou um formidável dinamismo obrigado ao equilíbrio
 De estar, dentro do meu corpo, de não transbordar da
 minh'alma.

[519] O Binômio de Newton é tão belo como a Vênus de
 Milo.
 O que há é pouca gente para dar por isso.

Temos aqui a questão existencial da forma... irrelevante
 a partir de certa evolução psíquica e cósmica.

E, por este excerto se vê como Álvaro de Campos, depois
 de cantar exaltadamente a ação humana, reconciliou a sua alma
 toda, "c. s. amente", volteando sobre si próprio. Mais adi-
 ante, chega a ter pena de si, vislumbrando o seu caixão, o
 seu corpo a derreter-se "em vários podres coloridos"... (Poeta
 até o fim!) O "Poema em Linha Reta" é um exame de cons-
 ciência, uma revisão a microscópio. E, no penúltimo soneto,
 ele faz a apreciação lúcida de sua mente inteira. Como se ele
 julgasse Caeiro, Reis e Campos de uma só vez: de seu saber
 teórico sobejo, de sua sensibilidade desiludida, e de suas mi-
 núcias práticas inúteis. Desfecho definitivamente negativo.
 "Conclusão a sucata" (541.4).

A anti-mente.

Ficaria por aqui o gênio de Fernando Pessoa? Sua men-
 te já se daria por sobejamente expressada, difundida, derra-
 mada por sobre as coisas grandes e pequenas, negras ou iri-

sadas? Estaria o seu espírito satisfeito com mostrar-se conhecimento, sentimento e ação, no mundo dos homens e dos deuses? Não.

Fernando Pessoa haveria ainda de nos desconcertar. A sua alma ainda tinha recônditos inesquadrinhados, e a sua consciência iria agora desvelar-nos, do avesso, o último limiar da sua mente: o anti-C, anti-S e anti-A!

É bastante que se leia o Primeiro Fausto, para se ter uma idéia da anti-alma. E nem precisa que se leia. É só correr os olhos por sobre a sinopse:

Primeiro Tema: o mistério do Mundo.

Segundo Tema: o Horror de Conhecer.

Terceiro Tema: A Falência do Prazer e do Amor.

Quarto Tema: O Temor da Morte.

Da mesma maneira que falamos de outros mundos e do anti-mundo, de matéria e de anti-matéria, de Cristo e do anti-Cristo — assim Fernando Pessoa nos expõe, em sua Obra Poética, a mente e a anti-mente.

O que quero dizer com anti-mente? — É a inversão de todos os sistemas: é o nada fundamentando o ser; é a morte originando a vida; é a multiplicidade no lugar da unidade; são os deuses destronando Deus.

E mais: é a negação proferida como se fosse o nada ou o vazio potencial; é não somente a consciência brotando do inconsciente, mas a consciência aspirando à inconsciência.

E tem mais ainda: é o erro generalizado e a verdade tida por exceção; é o prazer falsificado e o amor tornado impossível; é a ação humana de construir destinada à destruição do próprio humano.

Se Alberto Caeiro se recusou a conhecer — o Primeiro Fausto tem horror de conhecer. Ele julga o conhecimento pela sensação (dupla inversão). Se Ricardo Reis envidou esforços para o equilíbrio emocional, enquanto desejava gozar e amar — Fausto quer sentir com a inteligência e proclama a falência do prazer e do amor. Se Álvaro de Campos canta a máquina humana, funcionando, organizada e veloz — o Primeiro Fausto tem horror da morte, não pela morte como tal, mas pelo que ela antecipa, pelo mistério. Fausto quer um remédio contra a vida eterna!

Deveria eu transcrever aqui alguns trechos do Primeiro Fausto, para demonstrar o que digo? Não, não me atrevo. Nem a mente faz muito sentido por pedaços. A anti-mente, como Fernando Pessoa a atribuiu ao Primeiro Fausto, deve ser lida por inteiro.

A anti-mente ergue um véu entre o eu, e a realidade; entre a nudez do corpo ou do espírito, e o amor; entre o ponto escuro da morte, e o infinito escuro do mistério para lá...

Isto é Fernando Pessoa como que mostrando o chão que nutriu os heterônimos, como que ratificando-lhes as posições assumidas. É o Fernando Pessoa visto pelo outro lado de si mesmo e de nós mesmos, mas ainda o Fernando Pessoa Compreensão, na medida em que nos faz ter consciência de nossas próprias regiões incompreendidas.

2 — O FERNANDO PESSOA, GÊNIO DA CONSCIÊNCIA

Fernando Pessoa é o protótipo exuberante de toda a Compreensão Existencial, ou a consciência viva do mundo e do anti-mundo. Tão exuberante de si, tão vasto de presença, e até, na sua insegurança e no seu padecer, tão coeso e tão pessoal que não temeu perder-se, ao desarmar a sua Obra, atribuindo parte dela a outros nomes. Ele sabia quem era. Ele se sabia como a fonte originária: Caeiro, o conhecer inquieto; Reis, a emoção interrogada; Campos, a ação estridente do mundo que volta, cansado, aos ruídos soturnos do próprio eu; e Fernando Pessoa, a Compreensão como tal (sem mais nada), a unidade-e-o *de que*.

Não seria impossível identificar a unidade desse vasto pensamento conhecedor e sensível, até em "Mensagem". Para isso, teríamos de olhar mais ao *como* o Autor diz o que diz, e menos a *o que* ele diz.

Ora, "Mensagem"... até o "Quinto Império" é onde o poeta se mostra mais social, histórico e objetivo. Está ali de corpo inteiro, num campo testemunhal e, mínimo, no campo interior ou existencial. Separar o *como* de o *que* é sempre uma análise arriscada e, por certo o seria, no registro histórico. Nos elementos de cada povo, na memória de cada cidadão há traços que se avivam pelo simples evocar dos feitos da sua raça, da sua gente. Cada nome glorioso, cada feito citado acende o espírito do cidadão — isto se dá bastante à margem do "modo como" é a citação.

Parece-me, de repente, que em "Mensagem", o que é dito e evocado tem, para o povo, preeminência sobre o modo do dizer. Se eu isolasse um destes elementos aqui, a "Mensagem" de Fernando Pessoa não seria reconhecida. E ela deve permanecer gloriosa como está: descritiva do País das Quinas; pincelada por pequenos quadros; genealógica como a árvore dos príncipes reais. Marítima e perigosa e ufana do dever cumprido. "Mensagem" de todos os reinos e impérios, onde a crença ou a fé, deixou de ser um sentimento subjetivo, para tornar-se uma glória nacional! E por fim... o mistério do desejado; o desejo do que um Povo já foi; e a convocação assim mesmo, para um "Quinto Império", onde se repetisse e ultrapassasse, tudo quanto a História registrara.

A "Mensagem", portanto, deixo-a à parte, como requerendo uma análise diferente: uma perspectiva sócio-existencial, uma visão dos feitos passados, objetivos sim, mas, ora glorificados e ora execrados pelas massas, ao longo da História.

"Mensagem", para o que concerne a este tema da Compreensão em Fernando Pessoa, mostra-nos nitidamente a camada educada, cultivada, socialmente valorizada na primeira metade deste século. Ali aparece o Fernando Pessoa social, cristão, nacionalista, régio, desbravador de continentes, porta-estandarte da "fé e do império", enfim, o poeta excelsamente preparado para dizer, ao povo, o ante-passado, ou seja, o espírito da História da história que o povo tem.

Para sondar as camadas profundas da consciência, a egosfera de Fernando Pessoa, o âmago onde a Compreensão se abre ao ser e à existência, é preciso pôr entre parênteses a "Mensagem" e os poemas afins até o "Quinto Império".

Afora isto, toda a poesia assinada por Fernando Pessoa é repassada desta seiva existencial. Cada símbolo, cada analogia, cada metáfora mesmo que atribuídas a coisas objetivas, elas apontam para dentro, indicando a qualidade da alma que o poeta é. Poesia não é ciência e ciência não é poesia. Não há um *discurso* poético, há a canção. O discurso diz, para agir e transformar. A canção diz e exalta, para degustar e fazer assimilar o proferido. Em Fernando Pessoa, poesia é sempre resplendor de toda a mente. O cantado está sempre ligado à mente e ao mundo. O "Cancioneiro" e toda a Poesia de Fernando Pessoa nos convence.

- | 66| Saber? que sei eu?
Pensar é descrever.
— Leve e azul é o céu —
Tudo é tão difícil
De compreender!...
- | 65| Tomara eu ter jeito
Para ser feliz...
Como o mundo é estreito,
E o pouco que eu quis!
- | 68| Vento que passa e esquece,
Poeira que se ergue e cai...
Ai de mim se eu pudesse
Saber o que em mim vai!...
- | 189| Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que as outras (...)
Há tanta coisa que, sem existir,
Existe, existe demoradamente,
E demoradamente é nossa e nós... (...)
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
- | 483| Só quem puder obter a estupidez
Ou a loucura pode ser feliz.
Buscar, querer, amar... tudo isto diz
Perder, chorar, sofrer, vez após vez.
- | 101| Se existo é um êrro eu o saber. Se acordo
Parece que erro. Sinto que não sei.
Nada quero nem tenho nem ricordo.
Não tenho ser nem lei.
- | 102| Nada sou, nada posso, nada sigo.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
Não compreendo compreender, nem sei
Se hei de ser, sendo nada, o que serei. (...)
Ter razão, ter vitória, ter amor

Murcharam na haste morta da ilusão.
Sonhar é nada e não saber é vão.
Dorme na sombra, incerto coração.

[743] Maldito o dia em que pedi a ciência!
Mais maldito o que a deu porque me a deste!
Que é feito dessa minha inconsciência
Que a consciência, como um traje, veste
Hoje sei quase tudo e fiquei triste...
Porque me deste o que pedi, ó Santo
Sei a verdade, enfim, do Ser que existe.
Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto!

Isto que acima vem transcrito está nas Canções de Fernando Pessoa, mas ninguém estranharia se encontrasse isto no Primeiro Fausto, ou em Campos, Reis ou Alberto Caeiro. A Poesia de Fernando Pessoa vai da raiz ao tronco e deste para os ramos... e retorna da ramaria à raiz que a sustém. Ela trata de tudo, tratando da problemática existencial, quer dizer, tratando a existência pelo lado não do que ela é, ou simplesmente do que pode vir a ser, e sim, pelo lado do sofrimento cotidiano ou do sofrimento excepcional e heróico, que o existente precisa, para que a vida continue em frente.

Uns censuram os Poemas de Caeiro pelo seu ateísmo pagão; os Odes de Ricardo Reis por seu epicurismo panteísta; as Poesias de Álvaro de Campos pelo materialismo modernista. Afinal, o que resultou de tudo isso?

Em Caeiro: a negação de uma totalidade, a teoria do Deus-só-corpo, e o desejo inconsciente posto como ideal de embeber-se na natureza, espelhar-se nas árvores, nas flores, nas pedras... tudo isso preparou o hedonismo pagão e panteísta de Ricardo Reis. Este se nos revelou pagão e triste, triste e sem sentido, sem sentido e triste, porque isolado da capacidade de amar. A atividade humana, cantada por Álvaro de Campos, quando parecia soerguer aos céus homens e mulheres da era industrial, derruba-os ao chão, materialmente famintos, moralmente abatidos, existencialmente angustiados à procura de uma identidade que nunca houve, ou se perdeu. Conclusão: muito barulho de maquinaria para terminar em sucata, ferro velho.

E a Poesia de Fernando Pessoa dando som e colorido a tudo isso; fazendo-nos roçar constantemente pelo nada, pela anti-mente; e nos confortando apenas com a "Mensagem" do império e da fé dos antepassados. Valeu a pena?

Precisamente, valeu porque, por tudo isto Fernando Pessoa nos chocou, abalou, entonteceu e conscientizou. Ele não deixou intocado um só elemento de nossa existência e, por isso, Fernando Pessoa se universalizou. Ora num ponto, ora em outro: sua vida é a nossa vida, seu agnosticismo ou seu materialismo blasfemo sublinha, no mínimo, algumas das nossas horas infernais; seu desejo de inconsciência prazerosa ou de amor exclusivamente irracional, quem o desconhece? Pela identificação que provoca; pela necessidade, que cada um de nós tem de saber que um outro existente já passou pelo que passamos; por esta demiurgia existencial — este estar entre o esplendor divino, o crucificado e o humano — é que Fernando Pessoa tem que ser considerado. E, não, pelos valores da moda em cada época.

Fernando Pessoa é ele e suas variações. Variando sempre um pouco mais as variações sobre os problemas do conhecer, do sentir, do agir e da auto-identidade, do cotidiano da vida e da morte, do sexo e do amor, da miséria social e do mistério cósmico da sobrevivida — tudo fez Fernando Pessoa sob heterônimos, desdobrando folha por folha a sua alma. Quando se diz que as suas Poesias são variações do mesmo tema... sim, mas é preciso entender que o tema focalizado é o ser da existência, a Compreensão que é una e infinita, tal qual Deus, como o universo, que nem nós, igual à nossa consciência: una e multifária.

Fernando Pessoa refletiu todos os recantos da alma. Levou a consciência ao paroxismo, à exaltação, nos pontos cardeais do ser-situado, e assim preparou a expansão, a superabundância do Espírito, que nós hoje compartilhamos. Para lá dos coletivismos — inamáveis porque impessoais — Fernando Pessoa revelou-se-nos o exemplar da hiper-pessoa (que seria descrita, na década de 40, por Teilhard de Chardin), o super-humano, com que a Evolução já começa a operar.

Não é possível desconhecer hoje, graças à Obra Poética — mais a esta do que à Psicanálise — que há um outro lado da alma, uma anti-consciência, ou seja, uma força interior no ente, capaz de imobilizá-lo, ou fechá-lo a tudo que é ser.

Do fundo limite entre o ser e o nada, de todas as regiões fronteiriças do interior humano, brotou a Poesia de Fernando Pessoa. A psicopatologia, junto com a filosofia e a Pedagogia, terão de descer a estas regiões, para se renovarem. Renovar-se para sentir-enender-ajudar o Homem, que, afinal de

contas, morre abandonado, o Homem existencial, o Homem humano.

A Compreensão pode ser implícita e inautêntica, como pode também ser explícita e autêntica. A passagem da implícita à explícita, ou da inautêntica à Compreensão autenticada é, comumente, povoada de uma legião de dissabores e de um punhado apenas de esperanças. Esta passagem constitui o drama da Existência. E esta passagem, meio luminosa, meio obscura, é o lugar intencional, sempre visado na Poesia de Fernando Pessoa. Nesta passagem, para a maioria, não há vislumbre de luz no fim do túnel. Os que conseguem a ultrapassagem passaram por tormentas, até chegar a um estado de autodomínio, segurança e antevisão. Não obstante, explicitar nesta posse, este domínio, não é um ato qualquer, um sentimento isolado, ou um entender puramente teórico. Para explicitar ou fazer chegar à consciência esta identidade, unidade e posse de si, é preciso responder fundamentalmente aos sofrimentos, às injustiças e às interrogações da vida e jogar aí todo o seu destino.

Fernando Pessoa vislumbrou ainda isto, na "Mensagem", ao prantear os que morreram no mar salgado:

| 29| Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
* *Quem quer passar além do Bojador*
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

com a sua espada.

Vou-lhe ambebedar ao Rocio

com António Mora.

Mergulhar lá espumas ondulante

dans saia de Lady

Me disseram que era um amante

do Barão de Teiva.

(*) O sublinhado não é original, mas apenas do interesse deste trabalho. Estes versos de Fernando Pessoa resumem a tese da Compreensão Existencial: a dor é condição da interioridade ou da reflexão, mas tem que ser ultrapassada, para liberar consciência e consentir ao en'e uma vida feliz. Esta ultrapassagem, o fazer sentido é que constitui o drama, quer dizer, o contínuo pôr e tirar máscaras do existente.